



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

MARA LÚCIA PRAZERES DA SILVA DOS SANTOS

**SER MÃE E PRETA NA UNIVERSIDADE PÚBLICA:
DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA VIDA UNIVERSITÁRIA NA UNILAB-MALÊS**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2023

MARA LÚCIA PRAZERES DA SILVA DOS SANTOS

**SER MÃE E PRETA NA UNIVERSIDADE PÚBLICA:
DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA VIDA UNIVERSITÁRIA NA UNILAB-MALÊS**

Pré-projeto de pesquisa apresentado à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Campus dos Malês, como requisito parcial para conclusão do curso Bacharelado em Humanidades.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Clarisse Goulart Paradis.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2023

MARA LÚCIA PRAZERES DA SILVA DOS SANTOS

**SER MÃE E PRETA NA UNIVERSIDADE PÚBLICA:
DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA VIDA UNIVERSITÁRIA NA UNILAB-MALÊS**

Pré-projeto de pesquisa apresentado à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Campus dos Malês, como requisito parcial para conclusão do curso Bacharelado em Humanidades.

Data de aprovação: 07/07/2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Clarisse Goulart Paradis (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof.^a Dr.^a Carla Veronica Albuquerque Almeida

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof.^a Dr.^a Jucelia Bispo dos Santos

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	PROBLEMÁTICA	6
3	JUSTIFICATIVA	6
4	OBJETIVOS	7
4.1	GERAL	7
4.2	ESPECÍFICOS	7
5	METODOLOGIA	8
6	REFERENCIAL TEÓRICO	9
	REFERÊNCIAS	13

1 INTRODUÇÃO

Em uma sociedade alicerçada no patriarcalismo branco e na heteronormatividade euro-ocidental, as mulheres foram relegadas a ocupar um lugar secundário nas dinâmicas sociais. O lugar social da mulher ocidental, como bem coloca Oyěwùmí (2004, p.04) nesse modelo, é de cuidadora do lar e da família, mas uma família generificada, encabeçada pelo macho e com dois genitores, o homem chefe é concebido como ganhador do pão. Nesse sentido, o verdadeiro convívio comunitário no extra-lar, por assim dizer, cabia única e exclusivamente ao homem. Um modelo que se perpetuou e se reproduziu nos territórios colonizados, como o Brasil e incentivado como modelo para países africanos invadidos pelos europeus.

Ser mulher no Brasil passa por diferentes lugares subalternos, e isso se agrava ainda mais quando se é preta. O racismo, que legitimou o processo de escravização por mais de 400 anos, se estruturou e trouxe consigo uma série de outros modos de opressão e exploração do corpo negro. A mulher preta ocupa um lugar social logo abaixo daquele ocupado pela mulher branca, isso nos coloca como “últimos indivíduos” sociais, passíveis de suportar todo peso do processo de discriminação do “ser mulher”, do “ser preto” e do “ser mãe”, com todos os estigmas que esses lugares carregam.

Muito embora, nas últimas décadas, a mulher tenha conquistado alguns dos seus direitos e no século XXI já termos percentuais de representatividade em instituições outrora unicamente ocupados por homens, como no mercado de trabalho formal e na política, há outros desafios que insistem em estar presentes. A mulher preta, por exemplo, ainda é colocada no local de subserviência, “confundida” nos locais, já que a branquitude produz um imaginário social cujo lugar dela é exclusivamente como funcionárias ou empregadas.

Por outro lado, um quadro social que merece destaque é a presença das mulheres no Ensino Superior. Segundo relatório do IBGE (2020), entre os homens com 25 anos ou mais de idade, 15,1% têm ensino superior completo, já entre as mulheres com 25 anos ou mais de idade no país, 19,4% completaram o ensino superior. Isso significa maior participação das mulheres na Universidade, mas esses números não abarcam a dimensão de raça e etnia, nem conseguem explicar a realidade subjetiva das mulheres estudantes universitárias. Como se observa, o acesso ao ensino superior é “igualitário” e “meritocrático” para homens e mulheres, mas a permanência para as mulheres se apresenta mais desafiadora, em particular quando se é mãe e preta.

Sedimentar o tempo com os cuidados da casa, com a educação dos filhos e ser/dar apoio para o marido poder trabalhar fora, tem sido a realidade da família nuclear, e para as mulheres

que ingressam no Ensino Superior, há o desafio de conciliar a rotina já exaustiva da dinâmica doméstica com as disciplinas, trabalhos e leituras que o estudar exige.

2 PROBLEMÁTICA

Considerando o contexto social que a mulher preta, mãe e universitária está inserida, este projeto de pesquisa busca responder quais desafios e perspectivas que as mulheres negras da Unilab-Malês apontam, enquanto estudantes e mães, dentro da Universidade Pública, como limitantes para sua permanência no ensino superior?

3 JUSTIFICATIVA

Sou mulher, preta, mãe e universitária. Moro no interior da Bahia, região nacional e internacionalmente conhecida como recôncavo baiano. O sonho de alcançar um nível social e econômico diferente do meu atual, não só por mim, mas por meus filhos, me moveu para ocupar o lugar de estudante na Universidade Pública. Sonho que foi possível realizar graças a uma política pública de interiorização do Ensino Superior e da Política Externa de Cooperação Sul-Sul do então Governo Lula, que resultou na instalação de um campus da UNILAB em São Francisco do Conde, meu município.

Nos foi ensinado desde cedo, que a única ferramenta possível para nos deslocar dentro da pirâmide social e capitalista, seria através da Educação. E foi assim que ingressei no Ensino Superior, em busca de obter em um futuro próximo, meios para minha realização pessoal e profissional, e mais do que isso, ser exemplo para meus filhos da significativa importância que a Educação tem em nossas vidas, principalmente para nós, povo negro oprimido e subalternizado por uma elite dominante branca que insiste em manter uma estrutura social, que nega ao povo negro o acesso aos direitos básicos e individuais.

Contudo, ao ingressar na Universidade me deparei com uma série de processos desafiadores em vários sentidos. Em primeiro lugar, ali me encontrei em uma nova realidade: pensamentos, conceitos, entendimentos e vivências, que até explicavam a minha própria trajetória, mas que até então nunca tinha refletido sobre. Atrelado a isso, os instrumentos metodológicos de ensino e avaliação próprios do Ensino Superior, um formato totalmente novo para mim vinda do ensino público municipal.

No ambiente universitário reconheci o racismo estrutural o qual vivo desde sempre, porém não o conhecia como tal, já que é tão “natural” que o questionamento me parecia incomum. Entendi que o lugar que a mulher foi colocada na sociedade patriarcal não corresponde a todas as realidades, sobretudo no que se refere às sociedades tradicionais africanas.

Naquele lugar compreendi que poderia ser agente de transformação não só da minha própria realidade, mas também da realidade social da mulher preta. E nesse mesmo lugar, fui recapturada pelos desafios que tais perspectivas exigiam, não só de mim, como também de todas as que igual a mim são mães, negras e universitárias. Diante disso, me propus a estudar os desafios e perspectivas percebidas por nós universitárias, como meio de nos dar voz e trazer ao debate uma dor que não é particular, e sim coletiva.

4 OBJETIVOS

4.1 GERAL

Apontar os desafios e perspectivas vivenciados pelas mulheres negras da Unilab-Malês, enquanto estudantes e mães, em uma sociedade patriarcal, heteronormativa e racista.

4.2 ESPECÍFICOS

- Compreender como patriarcado, racismo e heteronormatividade influenciam a vida das mulheres negras mães estudantes
- Compreender os desafios da maternidade para as mulheres universitárias
- Identificar as dificuldades que as mulheres mães negras encontram dentro da Unilab;
- Dar voz às mães universitárias para expor suas perspectivas e desafios no contexto social em que estão inseridas;
- Compreender os desafios da política de assistência estudantil para garantir a permanência das mulheres estudantes negras e mães.
- Compreender as demandas e alternativas criadas pelas estudantes negras e mães para fazer frente aos desafios impostos.

5 METODOLOGIA

Durante a realização do estudo será utilizado os métodos e técnicas da pesquisa qualitativa, de base bibliográfica. A coleta dos dados será realizada por meio de entrevistas semiestruturadas individuais, ou seja, com perguntas abertas e fechadas, para dar lugar a subjetividade dos relatos de cada uma das entrevistadas.

Entrevistas semiestruturadas usadas em estudos qualitativos ajudam “*a explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão*” (GASKELL, p. 70,2002). Não se trata de quantificar opiniões a respeito de temáticas, mas de analisar as falas, observar os significados e interpretar as realidades a partir do olhar do outro. De dada maneira, embora envoltos em realidades semelhantes, temos perspectivas distintas acerca de um mesmo fenômeno, do mesmo modo que há pontos de aproximação. E são esses pontos que me interessam, são as possíveis convergências que darão corpo a pesquisa.

Para orientar a pesquisa elaborarei um questionário com perguntas abertas. O questionário será uma estratégia de direcionamento da temática do estudo, já as perguntas abertas darão liberdade para as entrevistadas se expressarem de modo possivelmente mais significativo.

A escolha das entrevistadas será diversificada no que se refere a nacionalidades, já que o corpo discente da Unilab inclui oito nacionalidades (Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Angola, Guiné-Bissau, Moçambique, Timor-Leste, Portugal e Brasil, com predominância de nacionalidades guineense, brasileira e angolana. Um outro critério importante para o estudo é a maternidade. Nesse sentido, o grupo focal de entrevistadas terão um quantitativo maior de brasileiras e guineenses.

As entrevistas serão realizadas individualmente e únicas por participantes, em virtude de aspectos como disponibilidade de tempo da própria pesquisadora para realização das entrevistas e posterior análise, quanto das entrevistadas, por desempenharmos simultaneamente inúmeros papéis sociais já citados. A análise dos dados coletados será concomitante a transcrição das falas, voltando aos dados brutos sempre que o trabalho de interpretação julgar necessário.

Além disso, a pesquisa trabalhará com o conceito de escrevivência de Conceição Evaristo, que para além do que o próprio termo já indica, carrega consigo questões de gênero e raça. De acordo com a autora, escrevivência traz a experiência, a vivência de nossa condição de pessoa brasileira de origem africana, uma nacionalidade hifenizada, onde nos colocamos a afirmar a nossa origem de povos africanos e celebrar a ancestralidade e se conectar tanto com

os povos africanos, como com a diáspora africana (Evaristo, 2020). Ainda segundo a autora, a escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras. Ou seja, uma escrita da coletividade.

A Escrevivência pode ser como se o sujeito da escrita estivesse escrevendo a si próprio, sendo ele a realidade ficcional, a própria inventiva de sua escrita, e muitas vezes o é. Mas, ao escrever a si próprio, seu gesto se amplia e, sem sair de si, colhe vidas, histórias do entorno. E por isso é uma escrita que não se esgota em si, mas, aprofunda, amplia, abarca a história de uma coletividade. Não se restringe, pois, a uma escrita de si, a uma pintura de si (EVARISTO, 2020, p.36).

“A escrevivência, em meio a diversos recursos metodológicos de escrita, utiliza-se da experiência do autor para viabilizar narrativas que dizem respeito à experiência coletiva de mulheres” (SOARES & MACHADO, 2017, p. 206). Dentro do paradigma da escrevivência, quando escrevo sobre minha experiência, enquanto mulher negra, não trago a luz somente minha individualidade, mas um contexto coletivo de partilhas nossas. No momento que escrevo sobre mim, a partir de mim, falo por mim enquanto indivíduo, ao mesmo tempo que minha voz pode vir a ilustrar outras vivências.

6 REFERENCIAL TEÓRICO

Em “A tríplice jornada das mulheres pobres na Universidade: trabalho doméstico, trabalho remunerado e estudos” Portes e Ávila (2012) desnudam um universo paralelo dentro das IES Públicas do país, vivenciados pelas mulheres e mães que ingressaram no Ensino Superior. Dentro do estudo de caso, os pesquisadores descrevem relatos de algumas discentes, que por vezes indicam indignação, outras desamparo e em todos os casos, a vontade de ocupar aquele espaço, mesmo com todas as limitações que a família, o tempo e a própria universidade impõem.

O estudo trata da experiência de mulheres, mães, donas de casa e profissionais, que resolvem dar prosseguimento aos estudos e cursar o Ensino Superior. Passando a vivenciar uma jornada cumulativa de trabalho diário. As falas coletadas revelam entre outros elementos, o esforço que essas mulheres fazem para executar de modo minimamente satisfatório, as funções de seus papéis sociais.

É notório em dada medida, até mesmo um certo ressentimento por não serem compreendidas e receberem constantes cobranças de todos ao redor, indignação por não terem

seus esforços reconhecidos e até receio de não conseguir dá continuidade ao curso, ou ainda de não estarem dando devida atenção a família, ao mesmo tempo que sentem que não estão se dedicando o suficiente aos estudos.

Pensar a relação entre ensino superior e gênero, nesse caso, está atrelado a questões de classe e, sem dúvida, raça. Mulheres pobres e negras são a camada mais vulnerável socialmente, o mesmo ocorre dentro dos espaços universitários, que nada mais são do que uma reprodução do que é a sociedade em que estamos inseridos. Nesse sentido, os desafios que nós mulheres negras estamos expostas fora dos muros universitários, são os mesmos aqui dentro. E com um agravante, estamos aqui ocupando um espaço que não se pensava ser nosso por direito.

O dia a dia desenhado pelas discentes convergem com nossos em todos os sentidos, particularmente ao que se refere ao malabarismo família, trabalho e estudos. Postas em uma posição de ter que priorizar uma dessas esferas faz com que ocorra uma intensa sobrecarga psicológica. Não há como não comparar essas esferas, cada um ocupa uma posição distinta dentro do que é nossa vida. Contudo, não é assim que ocorre. *“Como é que eu vou colocar na cabeça deles que não é que eu não ligo, mas é que eu já não estou dando conta mais. Assim... Eu não estou resistindo. É complicado”* (Relato in ÁVILA & PORTES, 2012, p. 821).

Historicamente a mulher assumiu dentro das famílias ocidentais e ocidentalizadas, e, portanto, da sociedade, o papel de cuidadora. Cuidadora do lar, dos filhos do marido e de todos ao redor. Sendo assim sua dedicação e tempo deve ser direcionado de modo exclusivo para tais atividades. Os filhos e todo o resto, esperam isso dela. Assim, quando decidimos nos direcionar por outros caminhos, a pressão e a cobrança são constantes, e ocorrem de modo tão intenso que nos faz sentir culpadas.

No caso do relato acima, a nossa amiga teve que optar entre usar aquele tempo para estudar ou estar com a filha, conflitos entre o emocional e a razão. Em dada medida sentiu-se menos culpada já que optou pela filha, por outro lado a culpa agora está posta em outro aspecto, não estudou e agora já não há mais tempo. Nesses casos não há resposta correta, ou decisão mais acertada. Sempre haverá o peso da culpa, que pode vir em uma briga com o marido, afastamento dos filhos, uma casa bagunçada, ou uma reprovação iminente. É uma vivência solitária, só possível de ser compartilhada entre aquelas que vivem o cotidiano parecido, resguardadas as particularidades de cada indivíduo, a experiência é muito próxima.

E quando se trabalha fora de casa envolve-se outras questões, responsabilidades financeiras e com o bom desempenho da função. Sendo que existe uma tolerância maior com uma mãe que trabalha em relação a mães que estudam. Parece, em dada medida o que é uma triste realidade em nosso país, que o financeiro se encontra acima da educação. Portanto, se

trabalho, além dos trabalhos domésticos e da família, há ali um certo respeito quanto a dedicação que se precisa ter no desempenho daquela função. Já quando se refere a dedicação aos estudos extraclasse já não se entende como relevante.

Pensar a esse respeito nos leva a perceber como a camada social mais economicamente vulnerável se entende como apenas classe trabalhadora. Como se aquele papel social fosse o único possível e aceitável. A ascensão para uma elite intelectual parece não ser bem aceita por nossos pares. O sentimento de pertença tende a ser maior, e toda aquela que se aventura para fora disso, se comporta como um fora do bando.

O corpo da mulher, mãe e negra dentro da Universidade é atravessado ainda pela questão racial. O sistema de cotas instituído no país em 2012 possibilitou o acesso da população negra ao Ensino Superior. Desde então foi possível encontrar nas nos cursos de graduação uma pincelada do que vem a ser a sociedade brasileira de maioria negra. “A primeira da família”, essa expressão carregada de significados e elementos de séculos de subalternização do povo negro, além do orgulho, também carrega consigo uma forte carga que o racismo impõe sobre nós. Bittencourt et al (2019) aponta que a perversidade do racismo e do sexismo pode gerar medo, dúvidas, sentimentos de não pertencimento ao espaço universitário, inferioridade e solidão.

Ocupar o lugar que tanto se almejou por anos, um objetivo adiado por esse ou aquele motivo, mais que um diploma, uma auto afirmação de que se pode ocupar qualquer lugar dentro da sociedade e ascender dentro da pirâmide social. Para nós o estudo sempre foi um valor, não apenas uma obrigação civil para nossos pais, mas um movimento de afeto. A educação é o único bem que eles podiam nos ofertar, o único e o mais essencial.

Sob esse lema crescemos acreditando na educação como meio e fim. Meio de libertação das opressões sociais por ser mulher, pobre e preta, e fim em si mesmo, enquanto autorrealização. Embora poético e mesmo romântico, a vivência prática se revela um tanto quanto violenta. O pacto narcisista branco acredita que aquele espaço é exclusivo, e se coloca tão forte, que florescem os sentimentos de não pertencimento.

A expressão pacto narcisista de Cida Bento (2002, p. 45) vem desvelar esse movimento do branco em criar um ambiente social em que se coloca de diferentes modos numa posição de superioridade em relação aos negros. Para não perderem essa posição de poder, e portanto os privilégios que esse contexto social lhes proporcionam, os brancos desenvolvem entre si uma espécie de aliança “caracterizada pela negação de um problema racial, pelo silenciamento, pela interdição de negros em espaço de poder, pelo permanente esforço de exclusão moral, afetiva, econômica, política do negros, no universo social” (BENTO, 2002, p. 78).

No contexto universitário os desafios se iniciam desde o ingresso. Como bem aponta Góis citando Telles (2008, p. 748) as negras encontram-se em uma posição claramente inferior à das brancas no percentual de acesso ao Ensino Superior. Enquanto 10,8% das mulheres brancas conseguem ingressar no nível educacional posterior ao ensino médio, apenas 5,6% da soma de pretas e pardas também conseguem. Pertencer a esse espaço é um projeto que se adia por questões financeiras, pelos filhos, marido ou mesmo por não poder se deslocar para outros espaços.

Dentro da academia outros processos iniciam-se. Agora os desafios são outros. Desafios pessoais e também vividos no coletivo. A Unilab de São Francisco do Conde tem uma particularidade muito marcante, que advém da própria comunidade em que está instalada, seus discentes são majoritariamente negros e negras. Indivíduos do próprio município e de vários outros municípios do Recôncavo e da Bahia como um todo. Dentro desse ambiente há congruências em vários sentidos. Um deles é a maternidade.

Nos corredores e nas salas de aula têm crianças, filhos e filhas da comunidade. Aquelas crianças são conhecidas de todos e por todos. Um senso comunitário pulsante naquela atmosfera. Contudo, embora acolhidas, as responsabilidades domésticas e educacionais ainda são quase que exclusiva das mães.

Nossa sociedade patriarcal e sexista direciona para as mulheres tais responsabilidades. No final do dia, resenhas, casa para limpar, artigos para ler, roupa para lavar, resumo para fazer, comida para cozinhar, prova para estudar e filhos para criar. O que fazer primeiro? Que tempo se tem para de fato estudar?

Essas são as indagações que permeiam nossa mente diariamente. Uma rotina que nós mulheres pretas, mães e universitárias conhecemos bem. Porém, que não é reconhecida como legítima a ponto de ser olhada com mais cuidado pelos que nos rodeiam na Universidade, em casa e no trabalho.

REFERÊNCIAS

- BENTO, Maria Aparecida da Silva. Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público". 2002. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. doi:10.11606/T.47.2019.tde-18062019-181514. Acesso em: 2023-06-23.
- BITTENCOURT, Anne *et all.* A Primeira da Família Vivências de mulheres negras da Universidade Federal da Bahia. Vol 05, N. 03 - Jul. - Set., 2019. Disponível em <https://portalseer.ufba.br/index.php/cadgendi> Acesso em: 15 de dez. de 2022.
- DUARTE, Constância Lima (org.) NUNES, Isabella Rosado. Escrivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. 1. ed. -- Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.
- GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W; GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.
- GÓIS, João Bosco Hora. Quando raça conta: um estudo de diferenças entre mulheres de diferenças entre mulheres brancas e negras no acesso e brancas e negras no acesso e permanência no ensino superior permanência no ensino superior permanência no ensino superior. Estudos Feministas, Florianópolis, 16(3): 743-768, setembro-dezembro/2008.
- IBGE. Mulheres brasileiras na educação e no trabalho. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/criancas/brasil/atualidades/20459-mulheres-brasileiras-na-educacao-e-no-trabalho.html> Acesso em: 15 de out. de 2022.
- OYÈWÙMÍ, Oyèrónké. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos do conceitosfeministas e o desafio das epistemologias africanas. Tradução para uso didático de: OYÈWÙMÍ, Oyèrónké. Conceptualizing Gender: The Eurocentric Fouations of Feminist Concepts and the challenge of African Epistemologies. African Gender Scholarship: Concepts, Metodologies and Paradigms. CODESRIA Gender Series. Volume 1, Dakar, CODESRIA, 2004, p. 1-8 por Juliana Araújo Lopes.
- PORTES, Écio Antônio; ÁVILA, Rebeca Contrera, A tríplice jornada de mulheres A tríplice jornada de mulheres pobres na universidade pública: pobres na universidade pública: pobres na universidade pública: trabalho doméstico trabalho doméstico, trabalho , trabalho remunerado e estudos remunerado e estudo. Estudos Feministas, Florianópolis, 20(3): 384, setembro-dezembro/2012.
- SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. “Escrivências” como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social”. Psicologia Política. vol. 17. nº 39. pp. 203-219. mai. – ago. 2017.